

painel

É AGRO, BRASIL!

Os bastidores da maior feira de tecnologia agrícola da América Latina revelam a formação de uma indústria nacional e da marca do país no exterior



ÍNDICE

04

CAPA

A feira revolucionária e suas máquinas maravilhosas



12

AGRO

O mito das oliveiras

Um azeite semântico 16



20

ARTIGO

Industrializar mais a construção é a saída para enfrentar a falta de pessoal qualificado

40

COMUNICADO

Fundo de Auxílio aos Associados: vitória da AEAARP

22

RIBEIRÃO FLORESTA

App para o Ribeirão Floresta



42

CREA-SP

Novas tendências para a construção civil

Resolução nº 1.139, de 24 de agosto de 2023 44

27

AGENDA

Seminários Civilidade nas Ruas -Ribeirão Floresta



46

SOCIAL

Posse do Conselho



32

EVENTO

Asfalto de Pet

48

360°

37

INDÚSTRIA

Em busca do aço zero carbono



52

DEBATE

Que comecem os trabalhos



Siga nas redes sociais: @ AEAARP



Horário de funcionamento
AEAARP - das 8h às 12h e das 13h às 17h
CREA - das 8h30 às 16h30
Fora deste período, o atendimento é restrito à portaria.

PALAVRA DO PRESIDENTE

Eng. Civil Fernando Junqueira



O engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues disse uma frase que é marcante: "para ser sustentável, temos de acabar com o crime do Brasil". Essa afirmação está na reportagem especial desta edição da Painele, que relata a formatação do agro como negócio. Roberto esteve no nascedouro desse processo, assim como muitas outras lideranças empresariais, políticas, profissionais e produtoras.

A frase é significativa pelo fato de atuarmos em setores da economia, nas engenharias, na arquitetura, na agronomia e na geologia, que têm forte impacto no meio – por transformação ou extração. São essas também as áreas que têm as soluções para questões que respondem às urgências da humanidade, como a sustentabilidade e a paz mundial.

Os crimes aos quais o ex-ministro se refere são aqueles ligados a atividades rurais e de mineração que infringem a lei vigente no país. Isso nos deixa vulneráveis perante o mundo, como nação e setor econômico.

Por outro lado, estarmos unidos, promovendo entendimento e conhecimento, nos posiciona do lado certo da história. E é onde a AEAARP está.

Rua João Penteado, 2237 - Ribeirão Preto-SP
Tel.: (16) 2102.1700 Fax: (16) 2102.1717
www.aeaarp.org.br / aeaarp@aeaarp.org.br

Eng.º Civil Fernando Paoliello Junqueira
Presidente

Eng.º Civil e Seg.ª Trab.º Maria Mercedes Furegato Pedreira de Freitas
Vice-presidente

Diretoria Operacional

Eng.º Civil Luiz Umberto Menegucci - Diretor Administrativo
Eng.º Agr.º Benedito Gléria Filho - Diretor Financeiro
Eng.º Civil Paulo Henrique Sinelli - Diretor Financeiro Adjunto
Eng.º Civil Milton Vieira de Souza Leite - Diretor de Promoção da Ética de Exercício Profissional
Arq.ª e Urb.ª Ruth Cristina Montanheiro Paolino - Diretor Ouvidoria

Diretoria Funcional

Eng.º Agr.º Bruno Prota Guimarães de Oliveira - Diretor de Esportes e Lazer
Arq.ª e Urb.ª Adriana Bighetti Cristofani - Diretor Comunicação e Cultura
Eng.º Civil Rodrigo Fernandes Araújo - Diretor Social
Eng.º Agr.º Alexandre Garcia Tazinaffo - Diretor Universitário

Diretoria Técnica

Eng.º Agr.º Leonardo Ramos Barbieri - Agronomia, Agrimensura, Alimentos e Afins
Arq.ª e Urb.ª Cristina Heck Vitaliano Dolacio - Arquitetura, Urbanismo e Afins
Eng.º Civil Luiz Carlos Oranges Jr - Engenharia e Afins (interino)

Diretorias Especiais

Eng.ª Civil Fabiolar Narciso - AEAARP Mulher
Eng.º Civil Gustavo Carvalho - AEAARP Jovem
Eng.º Civil José Hortêncio Romero - Inovação tecnológica
Eng.ª Ambiental Marília Vendrusculo - Sustentabilidade

CONSELHO DELIBERATIVO

Titular

Eng.º Civil Roberto Maestrello - presidente
Eng.º Agr.º José Roberto Scarpellini
Eng.º Civil Arlindo Antonio Sicchieri Filho
Eng.º Civil João Paulo de Souza Campos Figueiredo
Arq.º Carlos Alberto Palladini Filho
Arq.ª Neusimeri de Lima Rossini Bergamasch
Eng.º Civil Nelson Martins da Costa
Eng.º Civil Carlos Eduardo Nascimento Alencastre
Arq.ª e Eng.ª Seg.ª do Trab.º Fabiana Freire Grellet
Eng.º Civil Wilson Luiz Laguna
Eng.º Civil e Seg.ª do Trab.º Luis Antonio Bagatin
Eng.º Agr.º Gilberto Marques Soares
Eng.º Mec.º Giulio Roberto Azevedo Prado
Eng.º Elet.º Hideo Kumasaka
Eng.º Civil Jose Anibal Laguna

Suplente

Eng.º Agr.º Geraldo Geraldi Jr
Eng.º Agr.º e Seg.ª Trab. Germano Rafael Bilotta Mariutti
Eng.º Civil Edgard Cury
Eng.º Civil Ricardo Aparecido Debiagi
Eng.º Elet.ª e Seg.ª Trab.º Odalecio Costa Martins
Eng.º Agr.º Jorge Luiz Pereira Rosa

REVISTA PAINEL

Conselho Editorial: Arq.ª e Urb.ª Adriana Bighetti Cristofani, Eng. Civil Carlos Alencastre, Eng. Mec. Giulio Prado e Eng. Civil Paulo Sinelli.

Conselheiros titulares do CREA-SP indicados pela AEAARP:

Eng.º Mec.º Giulio Roberto Azevedo Prado (titular), Eng.º Mec.º Fábio Narciso (suplente), Eng.ª Civil, Seg.ª do Trab.º Mercedes Furegato Pedreira de Freitas (titular) e Luis Antônio Bagatin (suplente)

Coordenação editorial: Texto & Cia Comunicação
Rua Mantiqueira, 750, sala 7 Ribeirão Preto SP - CEP 14020-620
www.textocomunicacao.com.br Fone: 16 3234.1110

Editoras: Blanche Amâncio - MTb 20907, Daniela Antunes - MTb 25679

Comercial: Angela Dorta - 16 2102.1700

Tiragem: 3.000 exemplares

Localização: Solange Fecuri - 16 2102.1718

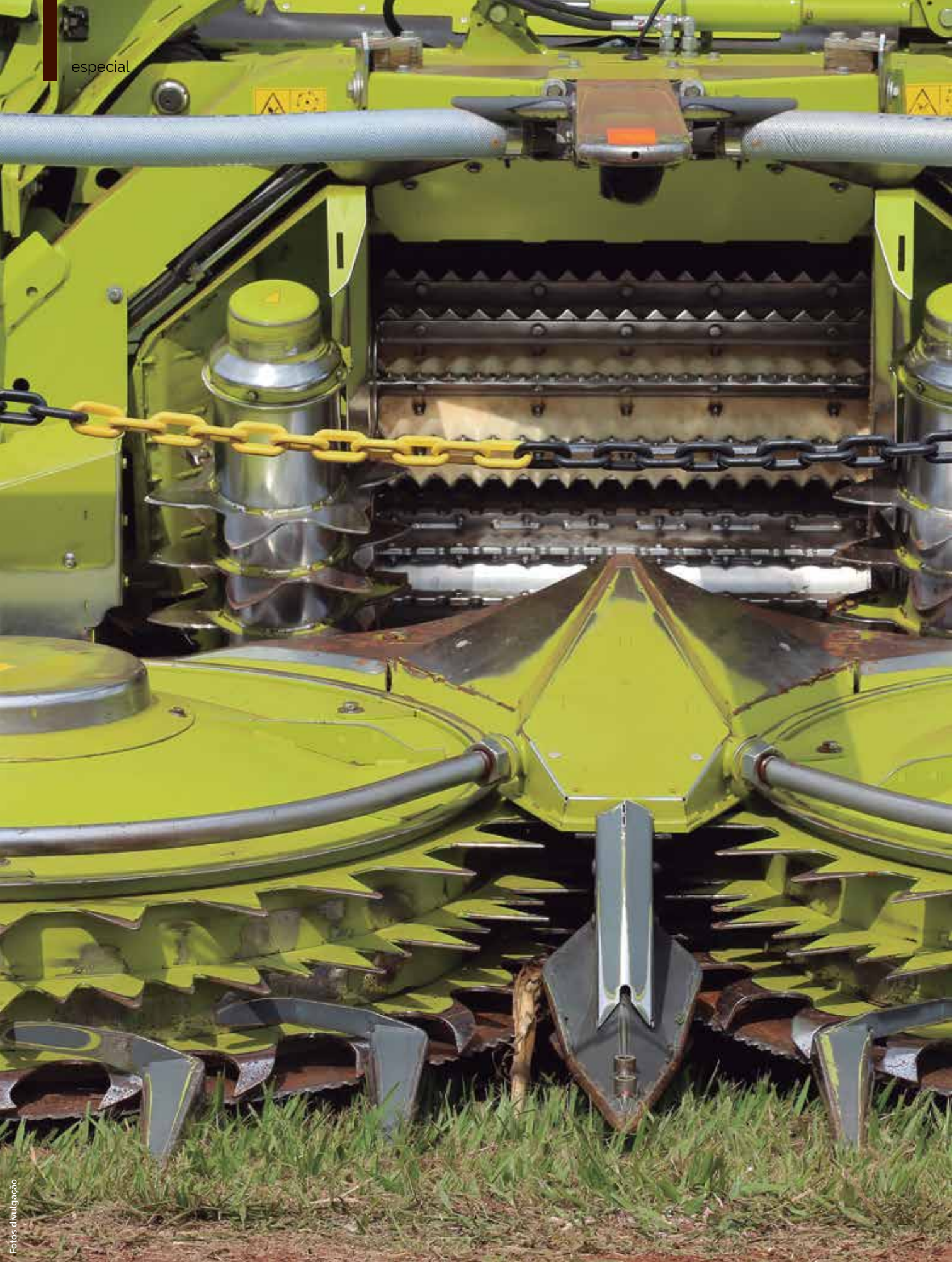
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Mariana Mendonça Nader, Douglas Almeida

Foto capa: Designed by Freepik

Impressão e fotolito: São Francisco Gráfica e Editora Ltda

Painel não se responsabiliza pelo conteúdo dos artigos assinados. Os mesmos também não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

especial





A feira revolucionária e suas máquinas maravilhosas

Da primeira à próxima feira, a Agrishow segue como palco de exposição de equipamentos e ambiente de inspiração para novos negócios



O Agro na Constituinte de 1988

Por Roberto Rodrigues

Isso é um trabalho que começou durante a Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Houve uma movimentação muito grande de entidades, setores da economia, setores sociais etc., se organizando. A agropecuária foi um setor que se preocupou muito com isso, buscou uma organização mais insistente, mais forte.

A entidade central representação do agro era a então Confederação Nacional da Agricultura, tinha perdido o protagonismo, não tinha muita representatividade das discussões das questões centrais da agropecuária brasileira.

Então, lideranças de outras entidades se uniram e criaram a chamada Frente Ampla da Agropecuária Brasileira que chegou a ter 70 entidades representadas. O objetivo, basicamente, era encontrar pontos de interesse comum dos diversos setores cadeias produtivas e trabalhar de maneira articulada.

Lembre-se de que estávamos saindo do regime ditatorial e entrando há pouco tempo numa nova fase democrática do país. Então, tá todo mundo aprendendo democracia, aprendendo a se comportar, aprendendo a trabalhar de maneira articulada, se relacionando com o Congresso.



A indústria agrícola brasileira tem um inegável ponto de inflexão que aconteceu a partir do dia 2 de maio de 1994. *"Foi uma coisa tão fantástica que as empresas que não investiram acabaram morrendo"*, testemunha o engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues, professor emérito da FGV-Fundação Getúlio Vargas, ex-ministro da Agricultura e secretário de Agricultura do governo paulista à época. O nome desse momento é Agrishow, que moldou investimentos na agroindústria e inspira carreiras no agronegócio.

De um país agrícola na primeira metade do Século XX, para importador de alimentos nos anos de 1970, o Brasil, garantem os líderes do setor, se posicionou competitivamente no comércio exterior com o agronegócio, forjando uma indústria genuinamente brasileira.



“Não existia feira no Brasil especializada em mecanização; feira era show”, lembra João Carlos Marchesan, presidente da Agrishow e vice-presidente da Abimaq.

A feira

A partir da Agrishow, a produção agrícola passou a ser tratada como negócio de escala e a ser compreendido dentro de uma cadeia produtiva mais complexa, na visão do engenheiro agrônomo Marcos Landell, diretor do IAC-Instituto Agrônomo de Campinas, e ganhou nova perspectiva. “Quanto vale o agronegócio hoje e em 1994?”, provoca.

João Carlos Marchesan, presidente da Agrishow e vice-presidente da Abimaq, não sabe responder a essa questão. Ele, porém, posiciona a importância do evento em números: o Brasil tem 1,1 mil fabricantes de máquinas agrícolas em um nível tecnológico impensável para o início dos anos 1990.



A grande revelação para todos nós nessa Frente Ampla, onde eu era secretário executivo, foi o reconhecimento de que a participação de entidades e instituições não-agrícolas dá uma dimensão muito maior ao processo.

Então me lembro por exemplo que a Febraban participava da Frente Ampla, também representantes da indústria de automação e açucareira entraram no processo. Isso deu uma consistência interessante as discussões da Frente nós tínhamos uma na OCB [Organização das Cooperativas Brasileiras da qual Roberto era presidente à época] uma assessoria técnica liderada por um grande economista Alberto Veiga que tinha uma visão muito liberal do processo de desenvolvimento. Então essa Frente Ampla foi crescendo antes e durante o trabalho da Assembleia Constituinte e revelou para todos nós como era importante ter articulação entre as cadeias produtivas, não ficar apenas na parte da agropecuária.

Isso foi tão relevante que logo nos primeiros dias da Assembleia Nacional Constituinte foi organizada a Frente Parlamentar da Agropecuária, que chamava-se na época bancada ruralista, que era suprapartidária, liderada por Alysson Paolinelli.

Esse relacionamento da Frente Ampla com a bancada ruralista, com o ministro da agricultura e com outros órgãos de governo mostrou para todos nós como era importante ter essa visão integrada.





Nessa época, Ney Bittencourt Araújo, dono da Agrocere, era também Presidente da Associação Brasileira de Milho e Sorgo. Era um homem que tinha essa visão integrada muito forte. Ele trouxe de Harvard o conceito de agribusiness que ele tinha ido conhecer lá. Então, o conceito de agribusiness, teórico, meramente conceitual, ficou evidentemente aplicado com a Frente Ampla. O Ney consolidou essa visão de que era essencial trabalharmos com cadeias produtivas.

Terminada Constituinte, todas as demandas centrais que havia na agricultura e no agronegócio foram perdendo a relevância. Mas, o conceito ficou muito marcante. O Ney Bittencourt liderou um processo, do qual também participei com outras lideranças, e a ideia era criar uma instituição que consolidasse os conceitos e a prática e tínhamos vivido durante a Constituinte. Foi criada em 1993 a ABAG-Associação Brasileira de Agribusiness. Nós não tínhamos sequer conseguido traduzir agribusiness ainda para o português. Nós tínhamos o conceito muito claro e mais tarde foi traduzido para agronegócio.



A feira foi concebida para demonstrar máquinas e tecnologias e se contrapor aos eventos agropecuários que mesclavam negócios e entretenimento.

A primeira Agrishow, em maio de 1994, mostrou à indústria de máquinas agrícolas que era preciso modernizar o setor no Brasil. "Aqueles máquinas que nós tínhamos eram já superadas", lembra Roberto Rodrigues.

A percepção dos fabricantes e a proximidade com os agricultores foi o que moldou a revolução na indústria de máquinas agrícolas. "Tanto as multinacionais que operavam no Brasil quanto também os equipamentos e implementos agrícolas irrigação etc.", lembra o ex-ministro.

Na primeira Agrishow, em 1994, 80 empresas compuseram a área de exposição e 15 mil pessoas visitaram a então Estação Experimental de Ribeirão Preto, local onde ainda hoje acontece o evento e que foi rebatizado como Centro Avançado de Pesquisa Cana do Instituto Agronômico de Campinas, o IAC.

A feira é um dos acontecimentos de cinco décadas marcantes na evolução da agropecuária. "É o segmento mais dinâmico da economia brasileira", na visão de Ivan Wedekin, membro do Cosag/Fiesp-Conselho Superior de Agronegócio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e diretor de Commodities da BM&FBOVESPA. Para Roberto Rodrigues, trata-se do setor capaz de combater "os quatro novos cavaleiros do apocalipse".

Cavaleiros do Apocalipse são descritos na visão profética do Apóstolo João e seriam a peste, a guerra, a fome e a morte.

A paz

Segurança alimentar, energética, mudanças climáticas e desigualdade social são, na visão do ex-ministro, questões relevantes para todos os países do planeta e que são a versão contemporânea dos Cavaleiros do Apocalipse. "Que afetam inclusive a paz mundial", completa.

Dentre todos, segurança alimentar é a mais estratégica, uma vez que "onde não tem comida, não tem paz", e são condenadas ao fracasso as matrizes energéticas baseadas em combustíveis fósseis. "A renovação tem na agroenergia um papel central, pelo menos nos países tropicais".



PASSO A PASSO



Líderes ruralistas se articulam na Frente Ampla para defender suas posições na Assembleia Nacional Constituinte de 1988 (leia a íntegra do depoimento exclusivo de Roberto Rodrigues à Painel).



Basílio Araújo Neto, presidente da Sociedade Rural do Paraná, sugere a Roberto Rodrigues, então presidente da OCB, que realizassem no Brasil uma feira semelhante à Farm Progress Show, dos EUA.



Basílio realizou a primeira feira agrícola dinâmica do Brasil, em Londrina (PR), em 1992. Em 1993, realizou o evento em Uberaba (MG). Nessas duas oportunidades teve o apoio da Sociedade Rural Brasileira, comandada por Pedro Camargo Neto.



Em 1993, já na condição de secretário de Agricultura do governo paulista, Roberto Rodrigues propõe a Basílio que a feira seja realizada no estado de São Paulo e oferece a Estação Experimental de Ribeirão Preto.



A primeira feira aconteceu com sucesso em 1994. Em 1995 a feira não repetiu o êxito e em 1996 passou a ser gerida pela Abimaq.



O evento certo no momento oportuno

Por Maurílio Biagi Filho

A Agrishow é uma das maiores e mais completas feiras de tecnologia agrícola do mundo. Oferece tudo o que o que a cadeia do Agro necessita para o seu negócio. É a principal vitrine de lançamentos e palco das tendências e tecnologias do agronegócio, responsáveis pelo expressivo aumento de produtividade alcançado pelo campo. As novidades do setor são repesadas para serem lançadas na feira. Esse ano, temos a presença de mais de 800 marcas líderes nos mercados nacional e mundial - que atuam em diferentes segmentos.

Mesmo com a quebra de safra prevista para 2024 e da queda dos preços das commodities, que já afetou o setor, a expectativa para a feira é sempre boa porque ela vai além do fechamento das vendas. A importância desse evento na troca de experiência, intercâmbio, entre produtores e indústria de todas as regiões do Brasil e de outros países é enorme. A Agrishow pauta o ano agrícola, dita as tendências, fortalece os relacionamentos comerciais, gera prospecção de novos negócios e parcerias, traz a oportunidade de reencontrar amigos, assistir excelentes palestras, conhecer os lançamentos e inovações importantes



Roberto Rodrigues defende que a arma para promover a paz mundial é a agropecuária e que a Agrishow é a plataforma de lançamento das tecnologias e oportunidades capazes de melhorar a produtividade e a competitividade. O ex-ministro localiza no "cinturão tropical do planeta" o potencial de resolução dos quatro problemas mundiais – o que abarca a América Latina, a África Subariana e uma parte da Ásia também. *"Nessa área do planeta tem terra para crescer a produção, a produtividade é muito baixa e pode crescer com uma tecnologia mais forte"*.



IA NA ROÇA

Um dos equipamentos que promete chamar a atenção na Agrishow 2024 é um robô criado para monitorar e cuidar de cada pedaço dos talhões das fazendas, se adaptando às condições e aprendendo constantemente sobre os ambientes aos quais está inserido. Os testes com o equipamento, lançado em 2023, têm como resultado a redução de 90% no uso de herbicidas em determinadas fases da plantação. Na cana-de-açúcar, por exemplo, a redução foi de 45%. 40 robôs já estão em operação e o número deve dobrar até o final do ano. A empresa que desenvolveu a tecnologia, Solinftec, é brasileira e tem sede em Araraquara e unidades nos Estados Unidos, Colômbia, Canadá e China.

Roberto recorre aos números do passado para dimensionar essa oportunidade. Segundo ele, de 1990 até hoje, a área plantada de grãos no Brasil dobrou e a produção cresceu quatro vezes mais. "Tecnologia, tecnologia!", comemora, colocando na Embrapa e em órgãos estaduais de pesquisa, como o IAC, a responsabilidade por esse processo. "O mais espantoso é que é sustentável", completa.

Segundo ele, para obter hoje a mesma produtividade da soja dos anos de 1990, seriam necessários mais 193 milhões de hectares. "Ou seja, poupamos! Nós fizemos isso porque é tropical", fala.

Para ele, o período de domínio dos países de clima temperado na agricultura se restringe a meados do século passado e afirma que a Europa usa mecanismos comerciais, como as barreiras, para proteger seus produtores sob o argumento do meio ambiente.

Estratégias de logística, infraestrutura, segurança jurídica (obtidas com reformas tributária e trabalhista, por exemplo) têm de ser embaladas em um pacote de sustentabilidade.

"Para ser sustentável temos de acabar com o crime no Brasil: invasão de terra, incêndio criminoso, garimpo clandestino, leis que não são cumpridas no Código Florestal. Produtor brasileiro não desmata, quem desmata é bandido", fala o ex-ministro.

Sustentabilidade, para ele, é sinônimo de competitividade. E a feira, que ele considera como uma filha a quem visita, defende e cuida ininterruptamente, é o ambiente onde os interesses se convergem e de onde novas possibilidades – tecnológicas, de negócios e políticas públicas – sempre podem brotar.

e ter acesso às opções de financiamento de todo o sistema financeiro, que tem forte presença no evento. É um momento muito especial e focado em negócios, trabalho, e não em lazer, por isso começa cedo e termina ao cair da tarde, sem programação artística ou cultural. O faturamento dos expositores durante a feira é um indicador relevante, mas não reflete isoladamente o tamanho da sua relevância.

Participei da concepção desse evento, da primeira edição, e desde então não parei mais de atuar, tendo protagonismo maior quando fui presidente em 2012 e 2013. Hoje tenho a satisfação de ser o presidente de honra. Faço questão de estar presente todos os dias da feira, que ano a ano vem oferecendo melhorias e crescendo, fomentando não só o setor, como a economia de toda a macrorregião de Ribeirão Preto que se prepara para receber os visitantes, expositores etc. E esse movimento não é só no mês que antecede e no mês pós-evento. Durante o ano todo temos várias ações que são realizadas por conta da Agrishow, que se tornou o maior evento comercial de Ribeirão Preto.

Ao atrair para nossa cidade milhares de pessoas, a feira gera um movimento econômico de mais de meio bilhão de reais – dinheiro que irriga a economia regional. Isso envolve o setor de prestação de serviços em geral: bares, restaurantes, shopping centers, transporte, postos de combustíveis, a imprensa, montadoras de estandes e profissionais autônomos, inclusive nas áreas de atuação da Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto, a nossa querida Aeaarp etc. A montagem e desmontagem são complexas e feitas com rigor, empregando muita gente. Em pleno início da entressafra de grãos e da safra de cana, tenho certeza que a Agrishow é o evento certo no momento oportuno.

Maurilio Biagi Filho, presidente de honra da Agrishow.



O mito das oliveiras

O Brasil avança na produção de azeite apesar das lendas criadas sobre o cultivo de oliveiras no país



Há um mito que persiste no Brasil desde o período colonial: no país não é possível cultivar oliveiras. A planta seria mais adaptável a climas amenos. Os bastidores dessa história revelam disputas comerciais que remontam ao período colonial e a disposição para incluir novas possibilidades agronômicas e de negócios no país.

Contrariando o mito, há duas décadas pesquisas comandadas pela Embrapa demonstram que na localização correta e com manejo adequado é possível cultivar olivais no Brasil, extrair azeitonas e produzir azeites de nível superior.

A Embrapa Clima Temperado de Pelotas (RS), tem equipes dedicadas à olivicultura desde 2006. Desse trabalho formaram-se bancos ativos de germoplasma de oliveira na Epagri-Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina e na Embrapa Clima Temperado, além da elaboração do zoneamento edafoclimático da cultura no Rio Grande do Sul. A Embrapa Agroazeito2013 empreende esforços para caracterização de azeite de oliva produzido a partir de azeitonas cultivadas no Brasil. Em 2023, a partir do surgimento do INCT OABras-Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Olivicultura e do Azeite Brasileiros, uma equipe formada por 34 cientistas de 18 instituições de pesquisa nacionais e internacionais, sob a liderança da Embrapa Agroindústria de Alimentos, se dedica a solucionar gargalos tecnológicos com a finalidade de proporcionar alta produtividade aos olivais brasileiros e qualidade ao azeite extraído. A iniciativa é financiada pelo CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico em R\$ 6 milhões e com duração prevista de cinco anos.

História

A engenheira de alimentos Daniela De Grandi Castro Freitas de Sá conta que as primeiras árvores chegaram ao país no período colonial a fim de cumprir um ritual católico – fornecer o ramo para o Domingo de Ramos. Anos mais tarde, a coroa portuguesa determinou a erradicação dos olivais para evitar que a produção na colônia superasse a do reino. Assim nasceu o mito.

A decisão, segundo Daniela, que levou “à descrença de que a cultura seria lucrativa e, sequer, possível em terras brasileiras”. Ela é pesquisadora do Laboratório de Análise Sensorial e Instrumental da Embrapa Agroindústria de Alimentos no Rio de Janeiro.



Quando era ministro da Agricultura (2003-2006), o engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues determinou à Embrapa que investisse em “pesquisas sobre plantas importantes no mundo e que eram pouco conhecidas no Brasil, entre as quais a oliveira”.

“Naquele raciocínio: se nós conseguimos produzir uva no Vale do São Francisco, nós possivelmente conseguiríamos produzir oliveiras no Brasil”, lembra o pesquisador Rogério de Oliveira Jorge.

Para o ex-ministro, a demanda foi “genérica”. A solicitação incluía também a formação de um centro de agroenergia, pesquisa sobre plantas amazônicas e o trabalho com produtos agrícolas que pudessem ter valor agregado.

No início dos anos 2000, os estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais passaram a ter pomares com vistas à produção do óleo e de azeitona de mesa. Atualmente, são 6.500 hectares de área plantada no país e 700 mil litros de azeite nacional produzidos – o que supre 0,7% do consumo nacional.

Com informações do Guia de Azeites do Brasil e do Instituto Brasileiro de Olivicultura.

O azeite

A palavra azeite deriva de “az-zait”, vocábulo árabe que significa sumo de azeitona. *“Diferente de outros óleos vegetais que são feitos a partir de sementes, o azeite de oliva é um óleo produzido unicamente da azeitona, fruto da oliveira, e o único extraído de um fruto por inteiro – polpa e caroço”,* explica a pesquisadora. Quer dizer, qualquer outro óleo, independentemente da qualidade, não é azeite. *“Uma grande verdade dita a respeito do azeite é que azeite bom é azeite fresco, isto é, aquele com menor tempo de envase e produzido de azeitonas de safras mais recentes”,* ensina Daniela.

3 MILHÕES DE TONELADAS

É a produção de azeitonas no mundo segundo a International Olive Council.



Os azeites podem ser elaborados a partir de uma única variedade de azeitona – e classificado como monovarietal – ou de misturas – blends – por especialistas que conhecem as características de cada variedade e combinam as características sensoriais dos óleos extraídos. Há também a prensagem de variedades diferentes sem identificação, chamada de blend natural.

"Estima-se mais de 2000 variedades de azeitonas no mundo e cada uma delas traz para o azeite suas características específicas de sabor e aroma", explica a pesquisadora. No Brasil, as variedades de azeitona mais comuns olivais são Arbequina, Arbosana, Grappolo, Koroneiki, Coratina e Picual. Em algumas safras, segundo ela, é possível encontrar a variedade brasileira Maria-da-fé.

O painel de análise sensorial do Laboratório Federal de Defesa Agropecuária no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, é a única instituição brasileira reconhecida pelo Conselho Oleícola Internacional. *"É o único que está habilitado, portanto, para atender no controle de irregularidades no produto importado. Outras instituições buscam hoje desenvolver esta rede nacional, como o Laboratório de Análise Sensorial da Embrapa Agroindústria de Alimentos, que tem atualmente um painel sensorial de azeites em formação"*, explica a pesquisadora.

O engenheiro agrônomo Rogério de Oliveira Jorge, da Embrapa Clima Temperado, explica que uma oliveira começa a produzir de três a quatro anos depois de que foi plantada e segue em produtividade por pelo menos 70 anos. Estima-se que a "planta mãe" da Argentina tenha 500 anos e segue produzindo.

A classificação do produto entre virgem, extra virgem ou lampante (impróprio para consumo) segue critérios mundiais e é realizada por especialistas. Um deles é o engenheiro agrônomo Rogério de Oliveira Jorge, da Embrapa Clima Temperado.

Ele explica que o trabalho de pesquisa brasileiro é o de testar a adaptação de cultivares já existentes no tipo de solo e clima do país. *"A gente não entrou no melhoramento"*, fala.



Um azeite semântico

Na região de Ribeirão Preto e sul de Minas Gerais, engenheiros agrônomos produzem óleo de abacate, chamam de azeite e conquistam mercado



"Quando eu digo azeite de azeite de abacate, eu estou dizendo suco da azeitona do abacate só por aí você já vê que tá errado", explica o engenheiro agrônomo Rogério de Oliveira Jorge, da Embrapa Clima Temperado. Ele concorda, porém, que o substantivo azeite, no caso, é usado como uma chancela de qualidade e pureza para o óleo extraído da fruta.

Carlos Alberto Pinto Gonçalves gere uma lavoura de 500 hectares de abacate no sul do estado de Minas Gerais e em São Paulo. Seu pai, José Carlos Gonçalves, engenheiro agrônomo assim como ele, decidiu investir na cultura nos anos de 1980 a fim de diversificar a atividade agrícola, até então exclusivamente dedicada ao café. *"Ele teve uma inspiração ao ver que o abacate era muito procurado numa época do ano. A gente tinha alguns abacates lá, alguns pés de fundo de quintal lá na fazenda de Cajuru [SPI], que o pessoal ia de Kombi e apanhava", lembra.*

Naquela época, a fruta ainda era vista como vilã da alimentação saudável. Pesquisas divulgadas há pelo menos duas décadas contribuíram para modificar esse status e, ao ser convertido em mocinho da boa mesa, a cultura do abacate abriu portas para novas possibilidades de negócios.

A lavoura de Carlos passou por uma espécie de transição. Os abacateiros foram plantados junto das árvores cafezeiras em áreas que já estavam prestes a serem reformadas. A produção concomitante segue até que condições técnicas e agrônômicas permitam – espaçamento entre as árvores, acesso de máquinas, tratores, colhedeiros e sombreamento.

"Até hoje a gente tem café consorciado com abacate. São lavouras que a gente colhe manualmente, tanto café quanto abacate. Por enquanto tá valendo a pena", explica. Dos 350 hectares da propriedade que são ocupados por pés de café, 70 têm abacateiros consorciados.

Parte da colheita do abacate é mecanizada. A máquina tem duas rodas – uma na frente e outra atrás – e um cesto acoplado a um guindaste. O funcionário é suspenso até a altura da fruta. Essa mesma pessoa opera o trajeto e a elevação da colheitadeira. O método é usado apenas para alcançar as frutas em galhos mais altos.

O azeite

Não são todas as frutas produzidas as mais de 50 mil árvores abacateiras das propriedades da família de Carlos que são processadas e se convertem em óleo. Aliás, é a menor parte delas.

A produção do azeite semântico da família Gonçalves começou com a gestão de perdas. A questão era dar destino economicamente viável às frutas que não têm padrão para serem enviadas para centros de distribuição de todo o Brasil.

A inspiração estava há 20 mil km de distância, na Nova Zelândia. Lá, a produção e o consumo de abacate são tão relevantes que, em meados da década passada, ensejou uma onda de crimes – ainda que o país seja considerado um dos mais seguros do planeta.



Abacates bons de óleo

Existem mais de 500 variedades de abacates no mundo. Destas, pelo menos três são usadas na produção de óleo na propriedade dos Gonçalves: Hass, Breda e Quintal. Segundo a Associação Abacates do Brasil, os três têm entre alto e médio teor de óleo na polpa. Na indústria, cada variedade se torna um azeite diferente, preservando características de cada tipo de fruta.

A extração

Diferentemente da azeitona, na qual a extração do azeite é da polpa até o caroço, o manejo do abacate na indústria começa separando somente a polpa – sem a casca e o caroço. À ela é acrescida água e a mistura resulta em uma espécie de "shake gigante", na descrição de Carlos.

"A partir daí, por gravidade a gente separa água da polpa do óleo. São três pesos diferentes. O óleo extraído desse mix gigante vai para decantação, filtração e, depois de filtrado, é engarrafado. Totalmente natural", detalha o produtor.

O volume da produção é sazonal, depende das variedades que restam sem qualidade para seguir para as gôndolas de supermercados. Em média, segundo Carlos, são 30 mil litros por ano.

Porém, nem todo óleo produzido ali vai para a mesa. A depender da análise química do lote, ele pode ser encaminhado para outro tipo de produto – cosmético, nesse caso.

Inspiração

No século VII, os árabes descobriram que a mistura de óleos naturais, gordura animal e soda cáustica fervida, endurecia e se tornava um sabão sólido. Pelo menos parte dessa fórmula era usada pela família de uma funcionária do Carlos que vendia pastel na feira.

Eles faziam sabão com o óleo que restava da fritura. Com a "fórmula" na mão, Carlos experimentou usar o óleo do abacate no lugar do óleo da fritura. *"Ficou ótimo!"*, conta o engenheiro agrônomo. Depois de testar mais de uma centena de fórmulas, chegaram à que lançaram no mercado como mais um produto dos abacateiros da família Gonçalves.



Envase do óleo de abacate



Ranking do Saneamento apresenta resultados dos municípios brasileiros

Ribeirão Preto, que tem o tratamento de esgoto operado pela GS Inima Ambient, do grupo GS Inima Brasil, recebeu a pontuação máxima

Os investimentos realizados pela GS Inima Ambient alinhados à gestão eficiente do sistema de tratamento de esgoto, proporcionou à Ribeirão Preto a pontuação máxima na 16ª edição do Ranking do Saneamento do Instituto Trata Brasil de 2024, divulgado nesta quarta-feira (20), que tem por objetivo avaliar os principais indicadores do setor.

O estudo contempla a avaliação de 5.451 municípios do país, abrangendo 201,7 milhões de habitantes, ou seja, 99,3% da população. Já a metodologia de estudo, avalia dados importantes como o percentual de pessoas atendidas pelos serviços de abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto, resíduos sólidos e apresenta a aferição do quanto de esgoto recebe tratamento e se os resíduos recebem destinação adequada.

Para o diretor de Operações e Manutenção da GS Inima Ambient, Carlos Roberto Ferreira, Ribeirão Preto saiu

na frente com a primeira concessão parcial do setor de saneamento no Brasil, um marco para a cidade. Prestes a completar 30 anos de atuação no município, a GS Inima Ambient realizou grandes investimentos na ampliação e modernização da estrutura física e tecnológica de todo o complexo operacional, garantindo a universalização desse serviço.

"Para nós, receber a nota máxima e estar entre as melhores cidades saneadas do Brasil é motivo de orgulho e demonstra o nosso propósito de contribuir efetivamente com o desenvolvimento social e sustentável do município", destaca Carlos.



Industrializar mais a construção é a saída para enfrentar a falta de pessoal qualificado



Eduardo May Zaidan*

A escassez de pessoal qualificado, tanto de trabalhadores dos canteiros de obras como de engenheiros e arquitetos, pode acelerar a industrialização da construção.

Vários fatores contribuem para o cenário da falta de mão de obra qualificada. É crescente o número de jovens atraídos por novas ocupações, ligadas a tecnologias da informação e da comunicação, que talvez lhes pareçam menos "duras" e com expectativa de ascensão profissional e ganhos mais rápidos do que os proporcionados nos canteiros de obras.

O fenômeno também afeta jovens que acabam optando por se formar em outras profissões, reduzindo a procura pelas faculdades de Arquitetura e Engenharia. Isto sem falar naqueles que se formam engenheiros e acabam optando por carreiras em outros setores, como o mercado financeiro.

Este cenário provocou uma mudança estrutural no mercado de trabalho na construção. Acontece que o setor se modernizou consideravelmente nas últimas décadas. Projetos em BIM, novas técnicas construtivas, mecanização, industrialização, cuidados com a sustentabilidade, tudo isso requer o trabalhador cada vez mais qualificado e escasso.

A tendência de industrialização é irreversível na construção, instada a elevar continuamente sua produtividade dentro de um ambiente de negócios fortemente concorrencial. E isto leva ao desafio de atrair os jovens para se qualificarem nas diversas profissões deste setor.

Recente Sondagem da Construção realizada pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre) mostrou que menos de 35% das empresas do setor utilizam sistemas pré-fabricados em suas obras, e que cerca de 60% das que os utilizam, usam a industrialização em, no máximo, 25% das suas obras.

Boa parte deste fenômeno se deve ao elevado custo tributário dos sistemas pré-fabricados fora dos canteiros. Em consequência, muitas empresas ainda optam por processos artesanais dentro das obras.

A reforma tributária em andamento pode contribuir para corrigir esta distorção e impulsionar a industrialização das obras. Canteiros caracterizados por processos de montagem e avanços tecnológicos desde a concepção até o pós-obra podem voltar a atrair pessoal qualificado.

Junto com isso, também deverão se registrar avanços em modularização, o que facilitará os processos construtivos, diminuirá custos e elevará a produtividade.

*Eduardo May Zaidan é vice-presidente de Economia do SindusCon-SP (Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo)

A Importância da Assessoria Financeira para seus Investimentos



No cenário econômico brasileiro, marcado por sua dinâmica e volatilidade, a assessoria de investimentos se apresenta como um pilar fundamental, especialmente nos mercados de engenharia, arquitetura e agronomia. As oscilações político-econômicas impactam os valores e a gestão de projetos nestas áreas. Estratégias financeiras eficazes são essenciais para navegar por essas mudanças, permitindo decisões alinhadas às tendências de mercado.

A volatilidade do mercado afeta o valor dos investimentos e a execução de projetos em engenharia, arquitetura e agronomia. Antecipar e responder a essas variações é uma competência chave para fazer escolhas estratégicas bem-sucedidas.

As variações nas taxas de juros são críticas, influenciando os custos e retornos dos projetos de longo prazo. Isso demanda uma análise financeira apurada e estratégias de mitigação de riscos.

Neste panorama, Pedro Villela, sócio e assessor de investimentos Private da Blue3, destaca-se pela expertise e credibilidade. Ele ressalta a importância de uma assessoria financeira especializada, capaz de oferecer estratégias de hedge e diversificação de investimentos, fundamentais para enfrentar as incertezas do mercado brasileiro. Ele defende a construção de um portfólio diversificado e ajustado às necessidades dos clientes para viabilizar financeiramente projetos, minimizando riscos e aproveitando oportunidades no mercado dinâmico.

Villela sublinha a importância da visão de longo prazo, considerando sustentabilidade e viabilidade financeira para o desenvolvimento futuro nos setores de construção e agronegócio. Planejamento estratégico e resiliência financeira são determinantes para o sucesso duradouro.

A assessoria financeira é uma necessidade estratégica nos setores de engenharia, arquitetura e agronomia. Profissionais como Villela da Blue3 permitem que empresas e investidores naveguem com segurança pelo complexo cenário econômico brasileiro, assegurando a sustentabilidade e sucesso de seus projetos a longo prazo.

Quer tirar dúvidas sobre investimentos. Fale com o Pedro Villela.



TODO MUNDO
TEM UM MOTIVO
PARA INVESTIR.
QUAL É O SEU?

INVISTA NA SUA JORNADA

Seja qual for o momento de sua vida, estaremos lado a lado com você para te guiar no mundo dos investimentos.

Miramos o seu potencial, independente das circunstâncias e obstáculos.

Somos a Blue3! O seu guia na sua jornada desde o primeiro investimento à liberdade financeira.



FALE AGORA
COM UM
ASSESSOR DE
INVESTIMENTOS

+26 | Bilhões de reais sob custódia

+37 | mil clientes que confiam na Blue3

+600 | Colaboradores especializados

WWW.BLUE3INVESTIMENTOS.COM.BR

LINKEDIN TWITTER GITHUB /BLUE3INVESTIMENTOS

 **BLUE3** | 
INVESTIMENTOS

App para o Ribeirão Floresta

Aplicativo para levantamento
arbóreo ganha novas
funcionalidades para o
projeto Ribeirão Floresta





Um aplicativo utilizado há cerca de 15 anos para censo arbóreo urbano ganhou novas funcionalidades para o levantamento do Jardim São Luiz, em Ribeirão Preto, o primeiro a ser tecnicamente reflorestado pelo projeto Ribeirão Floresta, da AEAARP. A mais nova versão do Arbor Scan registra inúmeras variáveis, incluindo dados para adequação do projeto de plantio conforme normas e convenções, e tem recursos que incorporam medidas de passadas e palmos dos técnicos de campo, muito utilizadas para aferição de diâmetro de troncos e copas ou medidas de calçadas.

O Arbor Scan foi desenvolvido pelo gestor ambiental Nelson Roberto Correia dos Santos e o engenheiro agrônomo José Walter Figueiredo Silva, parceiros em vários projetos de reflorestamento pelo interior paulista. O aplicativo traz 40 perguntas que devem ser respondidas para cada árvore em área pública – desde as mais básicas, como espécie, até informações essenciais para o planejamento urbano como saúde da planta, localização na calçada, fiação etc.

O relatório do aplicativo fornece dados como nome científico da árvore, fotos, coordenada de GPS, largura da calçada, largura da rua, altura, altura da primeira ramificação, área de copa, DAP (diâmetro à altura do peito), estado sanitário geral, equilíbrio, presença de ataques de pragas e instalação de doenças, localização de ataques de pragas e doenças, intensidade desses ataques e doenças, ecologia, injúrias/agressões, localização da espécie, localização perigosa, nível colo, doença tronco/caule/raiz, decoração, afloramento da raiz, nível de afloramento, presença de fiação, contatos e interferências com fiação, posição do posteamento/fiação em relação ao sol, situação atual da poda, qualidade da poda, podas condenáveis, podas de gosto duvidoso, recomendações de poda e ações de manejo e manutenção.

"No passado esse processo era lento e, hoje, com a utilização do smartphone, é super dinâmico. Utilizávamos prancheta, papel, caneta, máquina fotográfica, trena, e aparelhos de GPS para coleta de dados em campo e depois se fazia necessário a imensa tarefa de digitação de dados. Agora, a coleta é on-line, com cadastro, resumos e gráficos dinâmicos, tornando o processo muito eficaz", explica Nelson Roberto.

O DAP, por convenção internacional, estabelece que o diâmetro do tronco de uma árvore deve ser medido na altura de 1m30 no tronco. Cada espécie tem um DAP pelo qual é possível identificar a idade aproximada da planta. No município paulista de Iacanga, o levantamento arbóreo foi feito por mulheres que usaram uma das primeiras versões do Arbor Scan. Mas elas não conseguiam medir corretamente o DAP das árvores caminhando com o smartphone ao redor do tronco. Então, decidiram aferir a medição com palmos; depois multiplicavam a quantidade de palmos pelo tamanho em centímetros da mão de cada uma delas e registravam no aplicativo. A mais recente versão do app já registra o tamanho do palmo do técnico de campo e basta inserir quantos palmos tem a circunferência de cada tronco. O Arbor Scan também registra o tamanho de um passo do técnico. Ao inserir a quantidade de passadas, o app calcula a medida da calçada em metros ou centímetros.

Segundo José Walter, os resultados são aproximados, mas a variação não compromete o trabalho. *"A rapidez do trabalho é bem maior. Com os passos, o pessoal de campo mede também a copa das árvores. O técnico caminha do tronco até a borda da copa pela sombra no chão e o app faz o cálculo do diâmetro da copa", explica.*

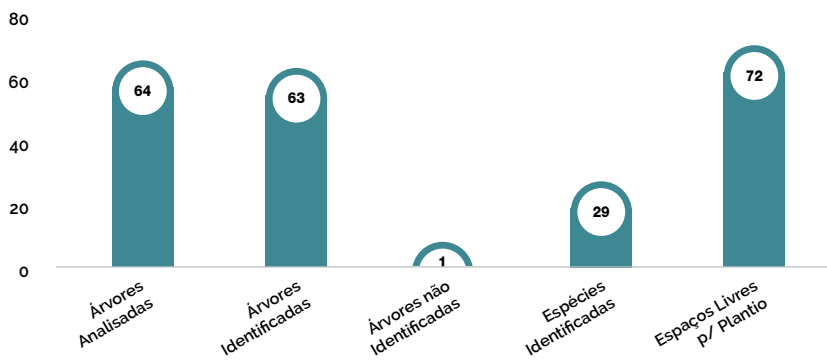
ArborScan JARDIM SÃO LUIZ

CADASTRO	Árvores Analisadas	282
RESUMO	Árvores Identificadas	282
PERFIL	Árvores não Identificadas	0
ESPÉCIES	Espécies Identificadas	35
CONSULTA	Espaços Livres p/ Plantio	323
GRÁFICOS	Área de Copa	12.726,66 m ²
	Área de Copa p ml de Rua	0,08 m ²
	Unidade p/Km de Calçada	14,84

O inventário arbóreo, ou planejamento para reflorestamento urbano, considera quantas árvores são necessárias em uma área urbana, quais precisam ser tratadas, podadas, removidas ou substituídas. Deve analisar também a disposição das árvores existentes, a fiação urbana e disposição de postes, o porte das espécies para garantir a melhor cobertura de sombras etc.

Fiação e postes em novos loteamentos devem ser instalados no lado onde incide sol da manhã, exatamente onde podem ser plantadas árvores de menor porte, facilitando podas e evitando comprometimento de fiação. O lado onde incide o sol do período da tarde, sempre mais quente, não pode ter postes e fiação para poder receber árvores de maior porte e que oferecem copas para sombra.

ArborScan RESUMO



Inúmeras variantes foram inseridas no aplicativo para que o planejamento atenda a normas técnicas e convenções. Há uma convenção que determina que cada árvore precisa estar distante cinco metros, pelo menos, de postes de energia. Há ainda determinações que proíbem que árvores cubram placas de trânsito ou semáforos, comprometam saída de água dos encanamentos, entrada de veículo, dentre outros.

"A árvore precisa prover sombra e permitir o tráfego de veículos de todo porte, o trânsito de pedestres, incluindo cadeiras de rodas, carrinhos de bebês, por exemplo. Por isso, quanto mais detalhado o levantamento, mais eficiente será o reflorestamento", explicam os criadores do Arbor Scan. A árvore deve estar na beira do leito carroçável, respeitando norma técnica que determina espaço livre de 1m20 para o pedestre.

Por que as árvores caem?

Os especialistas em reflorestamento urbano alertam que a muda, a técnica de plantio, a poda, são fatores essenciais para a saúde e longevidade da árvore. Um alto percentual de quedas de árvores frondosas seria perfeitamente evitável com o manejo correto que deve ser seguido, principalmente em áreas urbanas para evitar acidentes. O Arbor Scan identifica todos esses detalhes.



Exemplo de poda correta.



Há um ponto exato para corte de galhos. Este é um exemplo de poda errada. Todo corte causa uma ferida. Se a poda não for feita no ponto exato não há compartimentalização (em seres humanos, é a cicatrização), a ferida não fecha. Nesta foto, a borda surge no entorno do galho é uma tentativa da árvore para fechar a ferida e mostra que ela não foi podada no ponto correto.

É importante lembrar que a árvore tem recursos para a própria compartimentalização. São substâncias que estão no interior da planta exatamente no ponto cirúrgico para poda. Trata-se de hormônios, anti-inflamatórios e outros depositados no "colar", região entre o ramo e o tronco que protege o sistema vascular das plantas, este denominado xilema e floema, para que bactérias, vírus, fungos não invadam a planta provocando doenças. Enquanto o xilema transporta a água e sais minerais para a planta, a partir das raízes, processo imprescindível para a fotossíntese que acontece nas folhas, o floema transporta a seiva rica em substâncias orgânicas, como a glicose, também produzida durante a fotossíntese, carregando a seiva das folhas para outras partes da planta, fornecendo os nutrientes necessários para o seu crescimento e desenvolvimento.

NEOMIX
CONCRETO

(16) 3514-0618
(16) 99401-2750

www.neomixconcreto.com.br

- Mais de 12 anos no mercado.
- Trabalhando com respeito ao meio ambiente.

A Neomix oferece qualidade concreta para sua obra.

Rua Vereador Miguel Cury, 5, Cravinhos - SP, 14.140-000



Uma das funcionalidades inseridas no Scan Arbor para o mapeamento em Ribeirão Preto identifica riscos de queda por causa de comprometimento da saúde da planta. Exemplo disso é a varredura do fungo saprófita. A presença desse fungo indica que por dentro a árvore já está morta – o saprófita vive em espécies vegetais mortas. Eles podem aparecer de forma bastante visível no tronco e alertam para risco de queda da árvore.

A qualidade da árvore começa na seleção da muda. As raízes expostas na muda permanecerão na árvore adulta e oferecerão risco de queda.



Aqui estão dois exemplos de plantio inadequado de árvores. O concreto impede a absorção de água.

Poda para fruticultura x poda urbana

As técnicas de poda são bastante diferentes quando se trata de árvores urbanas ou árvores para fruticultura. A poda para fruticultura precisa estimular o surgimento de novos galhos que, por consequência, trarão novos frutos. Neste caso, a melhor técnica é exatamente o contrário do que é preconizado na poda urbana. O corte deve ser feito de forma que ao invés de cicatrizar, permita o crescimento de galhos.

Nos últimos cinco anos começaram a surgir cursos para formação de técnicos em arborização urbana. E a Unifesp já disponibiliza a primeira especialização lato sensu em Arborização Urbana, que deve contribuir para a qualidade dos projetos de reflorestamento das cidades brasileiras.

Seminários Civildade nas Ruas -Ribeirão Floresta

Seminários terão aulas aos sábados até agosto e integram estratégia de difusão de conhecimento da campanha Civildade nas Ruas

O programa dos "Seminários Civildade nas Ruas-Ribeirão Floresta", pela AEAARP, conta com aulas sobre políticas de arborização urbana, floresta urbana, legislação, educação ambiental, festão de resíduos, poda de árvores, compostagem, anatomia e fisiologia das árvores, dentre outros assuntos. As aulas acontecerão aos sábados até agosto deste ano, com certificado e inscrições gratuitas. A programação completa terá cerca de 180 horas de aula em mais de 40 seminários ministrados por cerca de 50 palestrantes.

O organizador dos Seminários e coordenador do programa Ribeirão Floresta, engenheiro agrônomo José Walter Figueiredo Silva, explica que todas as aulas são acessíveis tanto a especialistas quanto aos interessados leigos no tema. *"Nosso objetivo é formar uma massa crítica sobre reflorestamento urbano e despertar o interesse e comprometimento da população para o projeto de reflorestamento que vai colocar Ribeirão Preto entre as principais cidades tecnicamente reflorestadas no Estado. Não há projeto legítimo de floresta urbana sem o entendimento e envolvimento da população"*, explica.

O programa Ribeirão Floresta foi lançado em outubro de 2023 e é uma ação prática para reflorestamento da cidade de Ribeirão Preto. O trabalho de campo começou no Jardim São Luiz, onde já foi feito o levantamento arbóreo para embasar o planejamento de reflorestamento, que já está sendo feito.

O Ribeirão Floresta faz parte da campanha Civildade nas Ruas, lançada em 2019 com objetivo de sensibilizar e mobilizar a população para ações de sustentabilidade ambiental. Pela Civildade nas Ruas, toneladas de materiais têm sido destinadas pela população em postos de coleta e enviadas a indústrias de reciclagem.

"A campanha *Civilidade nas Ruas* é uma grande ação voltada à mobilização de toda a sociedade, de crianças a adultos, envolvendo empresas e organizações de todo segmento, para que cada um assuma atitudes sustentáveis em relação à cidade. Temos de correr contra o tempo para que Ribeirão Preto se destaque também em qualidade de vida nos próximos anos e possa enfrentar as mudanças climáticas. As toneladas crescentes de materiais recicláveis que a campanha tem conseguido destinar a indústrias parceiras é a prova de que a parceria com a população é a principal estratégia para a transformação da nossa cidade", diz o engenheiro Fernando Junqueira, presidente da AEAARP.

Os Seminários são realizados pela Diretoria de Agronomia da AEAARP, coordenada pelo agrônomo Leonardo Barbieri, e têm apoio do CREA e Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Ribeirão Preto.

INSCRIÇÃO
GRATUITA
AEAARP.ORG.BR

PROGRAMA

ACONTECEU

06/04

- 8h00** Recepção
- 8h30** Abertura - Leonardo Barbieri e José Walter Figueiredo Silva
- 9h30** Importância de os municípios desenvolverem uma política de arborização urbana
- 10h30 às 12h00** Projeto Ribeirão Floresta

13/04

- 8h00** Apresentação institucional CREA | Aspectos da anatomia e fisiologia vegetal na arborização urbana - árvore um ser vivo
- 9h10** A arquitetura no planejamento da floresta urbana - cuidando da beleza, harmonia, equilíbrio e outros
- 10h30 às 12h00** Produção de mudas

20/04

- 8h00** Comentário sobre o Art 49 da Lei de Crimes Ambientais e capítulo VI da Constituição Brasileira
- 9h10** Aspectos do Plano de Arborização do município de São Paulo
- 10h30 às 12h00** A vontade política e evolução da Política da Arborização Urbana em Bragança Paulista

27/04

- 8h00 às 12h00** Educação ambiental e arborização urbana

04/05

- 8h00** Legislação sobre o verde urbano, inventário de arborização de Ribeirão Preto e Plano Estratégico do Sistema de Áreas Verdes e Arborização Urbana
- 10h00 às 12h00** Mudanças climáticas, conectividade da vegetação no ambiente urbano e saúde pública

11/05

- 8h00** Informação importante no planejamento da floresta urbana - mapa termal
- 9h10** Gestão da arborização urbana pela tecnologia digital - apresentação da plataforma Arbolink
- 10h30 às 12h00** Inventário via drone - teoria e prática, apresentação do mapa do Jd. São Luiz

18/05

- 8h00** Gestão Participativa na arborização urbana
- 9h20** Piloto de floresta urbana de Ibirarema
- 10h50 às 12h00** SBAU-Sociedade Brasileira de Arborização Urbana e reflexões sobre arborização urbana

25/05

- 8h00** As podas: avaliação de risco na arborização urbana
- 9h20** Melhores práticas de manejo de árvores e palmeiras e a arte das escaladas em árvores
- 10h50 às 12h00** A fauna nas árvores urbanas

01/06

- 8h00** Árvores recomendadas para arborização urbana
- 9h20** Gestão municipal da arborização urbana
- 10h50 às 12h00** Experiência da arborização urbana de São Simão

08/06

- 8h00** Análises de planos municipais de arborização urbana e reflexões para uma certificação pública
- 9h20** Manejo, fitossanidade das árvores urbanas
- 10h50 às 12h00** Viveiro público

15/06

- 8h00** Segurança do trabalho na arborização urbana
- 9h20** A calçada urbana bem projetada
- 10h50 às 12h00** Gestão participativa e floresta urbana - tendências, desafios e inspirações

22/06

- 8h00** Mudanças climáticas e arborização urbana
- 9h20** Convivência, controle com plantas parasitas, holoparasitas, hospedeiros, epífitas
- 10h50 às 12h00** Tendência, dificuldades da Política Nacional de Arborização Urbana

29/06

- 8h00** Noções básicas de solo
- 9h20** Biopotenciais, sinais elétricos em plantas
- 10h50 às 12h00** Destino dos resíduos de poda das árvores urbanas

03/08

- 8h00 às 12h00** Poda em árvores urbanas - curso de poda

10/08

- 8h00** Experiência de arborização urbana de Cruzeiro
- 9h20** Estratégias, operações e práticas no plantio e manejo da Floresta Urbana
- 10h50 às 12h00** A arquitetura e os projetos das calçadas

17/08

- 8h00** Gestão de resíduos, compostagem etc.
- 9h20** As árvores urbanas e seus serviços ecossistêmicos
- 10h50 às 12h00** Tecnologia, inovação e o universo das máquinas e ferramentas que servem à arborização urbana

24/08

- 8h00** Nuances do Plano Municipal de Jundiaí
- 9h30 às 12h00** Instituto Nova Era e ONG Ecos do Vitória

31/08

- 8h00** Arborização urbana do ponto de vista da paisagem
- 10h00 às 12h00** Memorial descritivo - acertos e erros na execução do plano de arborização urbana

AGENDA

Seminários Civilidade nas Ruas-Ribeirão Floresta
Quando: de 06/04/24 a 31/08/24, aos sábados
Local: AEAARP - Rua Clemente Ferreira, 330
Inscrições gratuitas: www.AEAARP.org.br
Com certificado

O tratamento de esgoto de Ribeirão Preto recebeu a **pontuação máxima**, na 16ª edição do **Ranking do Saneamento do Instituto Trata Brasil de 2024**.

A **GS Inima Ambient** investe continuamente na **estrutura física e tecnológica** de todo o complexo operacional, garantindo a **universalização** desse serviço, um **compromisso assumido** há quase **30 anos** com a cidade.

Receber a **nota máxima** e estar entre os **melhores municípios saneados do Brasil** é motivo de orgulho e demonstra o propósito da empresa que é de **contribuir efetivamente com o desenvolvimento social e sustentável**.

evento

ASFALTO DE PET

Indústria apresenta
novidade no 1º Simpósio de
Pavimentação da AEAARP

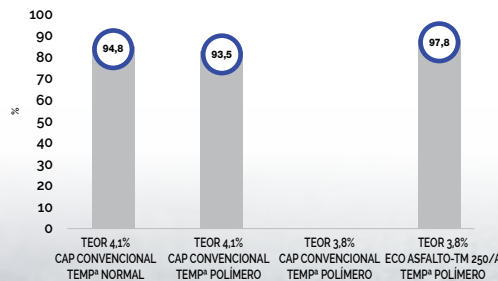
Nos anos de 1990, a revolução no modo de consumo proporcionada pelo uso de Polietileno tereftalato em embalagens, especialmente de refrigerantes, camuflou uma questão ambiental central em muitos debates: o que fazer com esse resíduo que hoje conhecemos por garrafas PETs.

Criado nos anos de 1940, o Polietileno tereftalato foi usado inicialmente com finalidade têxtil – tanto na Inglaterra, onde foi desenvolvido, quanto no Brasil, onde desembarcou no final dos anos de 1980. Atualmente, o descarte de garrafas em todo o mundo é contabilizado anualmente aos bilhões de unidades.

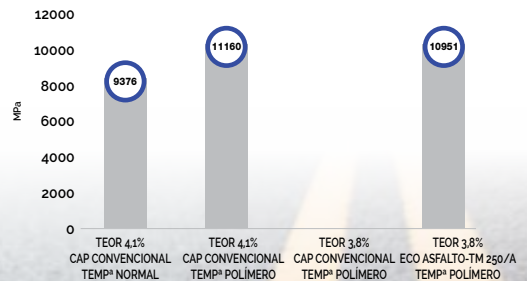
Polietileno tereftalato é transparente, inquebrável, muito leve e demora pelo menos 400 anos para se degradar no meio ambiente.

No varejo, a reutilização das garrafas aparece na internet em um sem número de inspirações para artesanato. No atacado, as iniciativas industriais integram políticas de logística reversa e ESG- Environmental, Social and Governance (ambiental, social e governança em português). Uma dessas iniciativas está na indústria de pavimentação. Há testes avançados que incluem esse resíduo na massa asfáltica. "Tira um pouco do betume e coloca um pouco do nosso produto [PET e agregados] e faz a massa final para aplicar em rodovias", resume Marcelo Kieling, executivo da Ecoasfalto. Ele apresentou a novidade no 1º Simpósio de Pavimentação da AEAARP.

DANOS POR UMIDADE INDUZIDA

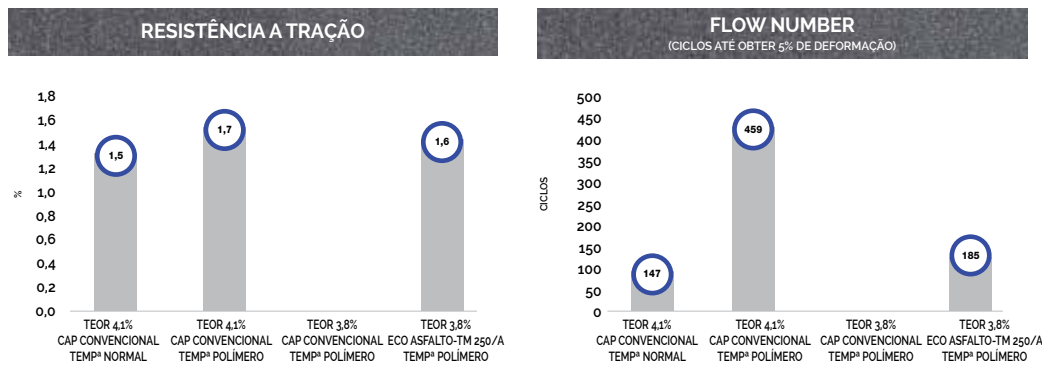


MÓDULO DINÂMICO



O material produzido na indústria de Marcelo, que substitui o betume, é chamado de Concreto Asfáltico Ecológico, composto por plástico (pós-consumo e resíduos industriais) modificados em processos termomecânicos. O executivo garante que a massa final tem preço reduzido em comparação ao convencional e é mais resistente.

O Centro de Pesquisas Rodoviárias da concessionária CCR testou o material em laboratório e concluiu que a qualidade é semelhante ao da massa asfáltica convencional.




"A gente submeteu essa aplicação a diversos testes. Comparado ao convencional, ele tem, tanto visivelmente quanto de performance, qualidade superior ao asfalto convencional", explica Marcelo.

O Simpósio

Nos dias 12 e 13 de março a AEAARP realizou o **1º Simpósio de Pavimentação**. Cerca de 300 pessoas acompanharam as palestras e painéis apresentados por técnicos e autoridades no tema. O evento teve apoio do CREA-SP.





Ouçã

APRENDA
se surpreenda
DÊ PLAY

PA  **NEL**
CAST 
AEAARP



Ouçã nos principais
agregadores



Convênios AEAARP

Convênios de saúde da AEAARP
para profissionais habilitados e
associados a AEAARP e familiares

Unimed 
Ribeirão Preto

atendimento em sala privativa
sala de espera exclusiva
estacionamento interno
acessibilidade

Guias e autorizações para conveniados
AEAARP/Unimed são emitidas exclusivamente
pelo atendimento na associação.

 **UNIODONTO**
UNIVERSIDADE ODONTOLÓGICA

COBERTURA

cirurgia	diagnóstico
exames	condicionamento
dentística	urgência e emergência
radiologia	prevenção em
periodontia	saúde bucal
endodontia	

R\$ 40,25
SEM CARÊNCIA

16 2102 17 00
99758 01 01

Mais de 1.500 consultórios nas regiões de Campinas,
Ribeirão Preto e São João da Boa Vista





Gabriel Lordello-Mosaico Imagem

Em busca do aço Zero Carbono

Briquete de minério de ferro pode revolucionar a indústria do aço no mundo

Um produto capaz de revolucionar a siderurgia mundial foi desenvolvido no Brasil, que tem a primeira planta de briquete de minério de ferro do mundo, na Unidade Tubarão da Vale, em Vitória (ES). O produto desenvolvido tem o potencial de reduzir em até 10% as emissões de gases de Efeito Estufa (GEE) no alto-forno. A expectativa é a de que o material possa tornar a produção de aço de zero emissão, quando o hidrogênio verde estiver disponível.

Eduardo Bartolomeo, presidente da Vale, explica que a empresa oferece o produto aos fabricantes de aço de todo o mundo, apoiando suas metas de redução de emissão de gases.

A Vale investir R\$ 1,2 bilhão na construção de duas plantas industriais com capacidade de produzir 6 milhões de toneladas de briquete de minério de ferro por ano.

O briquete é produzido a partir da aglomeração a baixas temperaturas de minério de ferro de alta qualidade utilizando uma solução tecnológica de aglomerantes, que confere elevada resistência mecânica ao produto final. O produto emite menos particulados e gases como dióxido de enxofre e o óxido de nitrogênio quando comparado aos processos tradicionais de aglomeração, além de dispensar o uso da água em sua fabricação.

O desenvolvimento do briquete teve início no Centro de Tecnologia de Ferrosos (CTF) da Vale, em Nova Lima (MG), há cerca de 20 anos. A ideia de aglomerar minério de ferro por meio da briquetagem não era nova. Mas, os pesquisadores tinham dificuldade de garantir que o produto mantivesse a integridade no alto-forno. A Vale desenvolveu uma solução de aglomerantes que resolveu o problema. Os testes aconteceram em laboratório, depois em fornos de pequena escala e finalmente os industriais no alto-forno, que comprovaram a performance e valor do produto.

O desafio agora é desenvolver a versão do briquete para a rota de redução direta. Testes experimentais foram realizados com sucesso e a empresa já iniciou o primeiro teste industrial, em um reator na América do Norte.

Aço verde

A produção de aço mundial se dá, principalmente, por duas rotas, de alto-forno e de redução direta. O processo via alto-forno é amplamente utilizado pelas siderúrgicas em todo o mundo, porém altamente intensivo em emissões devido à utilização de coque (produzido a partir do carvão mineral) como principal insumo. Nessa rota, o uso do briquete pode substituir a sinterização, etapa onde ocorre a aglomeração do minério de ferro, ampliando a potencial redução das emissões de gases dos clientes em até 10%.



Já para a produção de aço via rota de redução direta é utilizado o gás natural como alternativa ao coque. Nesse processo, briquetes e também pelotas são utilizados para produção de HBI (hot-briquetted iron ou ferro-esponja) – produto intermediário entre o minério de ferro e o aço –, que por sua vez é colocado em um forno elétrico para produção de aço com menor emissão do que a rota tradicional via alto-forno.

Fornos de redução direta são utilizados em regiões com abundância de gás natural a preços competitivos, como é o caso do Oriente Médio. No ano passado, a Vale fechou acordos com Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Omã para a criação de complexos industriais destinados à produção de HBI, inicialmente tendo o gás natural como fonte de energia. No futuro, com a utilização de hidrogênio verde no lugar do gás, o HBI pode viabilizar a produção de aço verde, com zero emissão de gases do efeito estufa. A empresa também firmou parcerias para replicar esse modelo no Brasil e nos Estados Unidos.

Metas

O briquete está incluído na estratégia da Vale de reduzir em 15% as emissões até 2035. A empresa já assinou acordos para oferecer soluções de descarbonização com mais de 50 clientes, responsáveis por 35% dessas emissões. Entre as soluções propostas, está a construção de plantas de briquete localizadas nas instalações de alguns clientes.

Segundo a empresa, seu propósito é o de zerar as emissões líquidas até 2050.

Mais de 30 empresas já demonstraram interesse em receber carregamentos de briquete em 2024. Por se tratar de um produto inovador, a produção dos dois primeiros anos será destinada a testes nas instalações desses clientes. A maioria dos interessados é de Europa e do Oriente Médio. Em 2024, as duas plantas de Tubarão irão produzir cerca de 2,5 milhões de toneladas.



Gabriel Lordello-Mosaico Imagem

Fundo de Auxílio aos Associados: vitória da AEAARP

A Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Ribeirão Preto - AEAARP oferece uma série de benefícios aos seus associados. Inegavelmente, o Plano de Saúde da UNIMED é o maior deles. Graças a esforços de diretorias anteriores, especialmente na gestão do engenheiro civil Roberto Maestrello, o contrato firmado no ano de 2010 com a cooperativa, ofereceu aos nossos associados bases muito vantajosas e que perduram até a data atual.

No entanto, o panorama na área da saúde se alterou de forma significativa desde aquela data. Cresceram os custos da medicina muito acima da inflação, novos procedimentos foram incorporados aos atendimentos, novos medicamentos foram lançados sempre no sentido de beneficiar àqueles que necessitam, equipamentos mais sofisticados chegaram para diagnosticar enfermidades com mais precisão e presteza. A medicina hoje está muito mais evoluída do que na época da assinatura do contrato com a UNIMED.

Em contrapartida, esses avanços foram acompanhados de custos bastante elevados, o que torna o tratamento de enfermidades, por mais simples que sejam, onerosos e, em muitos casos, acima da capacidade de suporte de boa parcela de associados.

Com o conhecido aumento do número de casos de doenças oncológicas e algumas degenerativas, o tratamento dessas enfermidades impõe dupla tragédia ao associado e sua família: a luta pela manutenção da vida e o custo financeiro, na medida em que os valores necessários aos tratamentos são altíssimos e em muitos casos acima a capacidade da família.

Nosso plano de saúde prevê o fator moderador para consultas médicas, exames clínicos e tratamentos ambulatoriais, sendo de 30% para consultas e 20% para exames e tratamentos clínicos. Para internações hospitalares não há incidência de fator moderador. E é justamente essa a preocupação da Diretoria.

Temos percebido que tem aumentado, de forma ainda sutil, o número de associados que vêm até nós para solicitar renegociação de dívida, ligadas aos associados que passam por tratamentos complexos e onerosos. Em alguns casos, o fator moderador soma mais de R\$ 10 mil mensais.

É triste para nós ouvirmos o drama dos associados, que muitas vezes dispõem de tudo que é possível para fazer face aos custos impostos por esses tratamentos. Na medida do possível auxiliaremos nossos associados da melhor forma, porém nossa capacidade está limitada por força estatutária.

O Fundo de Auxílio aos Associados AEAARP surge como solução conjunta para apoiar nossos associados. A Comissão de Saúde da Associação realizou extensos estudos para se chegar à melhor equação que combine o valor teto do fator moderador a ser pago pelo associado e o de contribuição mensal.

O levantamento abrangeu o período de 15 meses (todo o ano de 2023 e o 1º trimestre e 2024), e inclui os valores médios despendidos pelo fator moderador, entre R\$ 600 e R\$ 900 reais, a média de associados que pagam nessas faixas e o valor médio pago por associado. A Comissão de Saúde definiu que a faixa de R\$ 600 seria a mais viável a ser aplicada por ser um valor que o associado, que com algum esforço, ainda poderá suportar.

A proposta da Comissão de Saúde, aprovada em assembleia, é a seguinte: a partir de R\$ 600,00 do fator moderador, o Fundo subsidiará o valor restante; isto é, o associado arcará com este valor e o Fundo assumirá o excedente, independentemente do valor a ser cobrado. O Fundo assumirá essa responsabilidade pelo tempo necessário ao tratamento.

O Fundo será constituído e mantido por meio da contribuição dos associados, fixada em R\$ 20 mensais, levando-se em conta o estudo dos 15 meses, o histórico dos associados conveniados com a Unimed e a previsibilidade de aumento no uso dos recursos de auxílio.

O Fundo será implantado de forma experimental pelo período de um ano, quando a viabilidade e os resultados serão analisados a fim de definir a continuidade do trabalho.

A consulta sobre os recursos arrecadados e utilizados ficará disponível para todos os associados.

RESUMO DA DELIBERAÇÃO DA ASSEMBLEIA DE 9 DE ABRIL DE 2024:

1. Fica criado o Fundo de Subsidio do Fator Moderador;
2. O valor do subsidio a ser custeado pelo fundo será todo aquele que ultrapasse R\$ 600,00/mês para cada usuário do plano;
3. O subsidio é ilimitado em valores e meses, bastando ultrapassar os R\$600,00, por usuário.
4. Fica estipulado o valor de R\$ 20,00/mês por usuário, com inicio dos descontos em 20/05/2024 para valores do fator moderador a ser incluído no boleto o mês de junho de 2024;
5. O Fundo terá duração de 1 (hum) ano, podendo ser prorrogado, com alteração de valores de contribuição e limites do Fator Moderador e aprovado em Assembléia Geral a ser realizada no mês de abril de 2025;
6. Para operacionalização deste Fundo, a AEAARP deverá preparar mecanismos de controle e consulta para fácil visualização proporcionando transparência aos usuários do Plano de Saúde Unimed.
7. Fica a presente autorização incorporada à Proposta de Adesão Plano de Saúde/AEAARP anteriormente firmada e para as posteriores que terão sua redação alterada.

Em Assembleia foram dirimidas todas as dúvidas a respeito do funcionamento deste Fundo e, colocado em votação, foi aprovado pela unanimidade dos Associados presentes.

Desta forma, a AEAARP conquista mais uma vez, uma importante vitória na busca pela qualidade de prestação de serviços a seus Associados.

Ribeirão Preto, 09 de abril de 2024

DIRETORIA DA AEAARP
COMISSÃO PERMANENTE PLANO DE SAÚDE

Novas tendências para a construção civil

Sustentabilidade é imperativo e Inteligência Artificial não vai substituir bons profissionais



Lígia Marta Mackey*

A tecnologia tem mudado a forma de se fazer Engenharia e, embora este seja um desafio, ainda bem. O mundo precisa construir uma nova economia e isso inclui, necessariamente, transformações. Uma das vantagens de atuar no mercado de construção civil há mais de 30 anos, é acompanhar este processo de perto. Falar em sustentabilidade, por exemplo, não é mais opcional, é imperativo. A construção civil é uma área que produz muitos resíduos e tem um consumo considerável de energia, por exemplo. Felizmente, a cada dia surgem novas

soluções que ajudam o setor a diminuir seu impacto. Estar aberto a elas significa não apenas fazer a sua parte para lidar com a emergência climática ou atender a consumidores cada vez mais preocupados com a questão, mas também reduzir gastos.

Apesar de, frequentemente, ser necessário um investimento inicial em novas tecnologias, aderir a elas ajuda a otimizar processos e a economizar no longo prazo. Isso sem falar que os governos costumam dar incentivos fiscais e financiamentos especiais para projetos sustentáveis, a exemplo do IPTU Verde, que traz descontos no imposto a obras que implementam sistemas ecoeficientes em vários municípios.

Segundo o United States Green Building Council (USGBC), o Brasil é o quinto com mais construções sustentáveis no mundo em uma lista de 180 países. Utilizar técnicas ou materiais ecológicos é uma das formas de fazer isso, para que uma obra seja, de fato, considerada sustentável, é preciso muito mais. Eficiência energética e gestão de resíduos, por exemplo, fazem parte do combo.

Vale citar aqui o BIM (Building Information Modeling - Modelagem da Informação da Construção, em português), uma metodologia que utiliza um conjunto de softwares e ferramentas que integram projetos em diversas etapas da construção civil e, assim, tornar as obras mais rápidas, baratas e sustentáveis. Isso é possível porque, com uma melhor visualização dos projetos, a solução permite diminuir o desperdício de materiais e o gasto de energia, por exemplo. Obras feitas com o BIM costumam custar até 20% menos, além de serem concluídas com mais agilidade.

Também é importante estarmos atentos ao assunto do momento: a Inteligência Ar-

tificial (IA). A construção civil já está sendo impactada por soluções que vem da área. O próprio BIM, que acabei de citar, está ligado a ela. O que a IA tem feito é, basicamente, otimizar o trabalho dos profissionais da área tecnológica, ajudando-os a ficarem menos sobrecarregados com demandas manuais, possibilitando que eles possam pensar em melhorias para fazer mais e melhor.

Não acredito que a IA vai fazer as pessoas perderem seus empregos. O trabalho do engenheiro civil vai continuar sendo crucial para a segurança de todo tipo de edificação. As máquinas precisam ser supervisionadas. Afinal, se um prédio ou uma ponte colapsar, quem vai ser responsabilizado? É claro que para usar bem tanta novidade, precisamos entender como elas funcionam e a capacitação é essencial. O mercado vai sim exigir que as pessoas saibam trabalhar com a tecnologia e quem não se adaptar vai ficar para trás.

***Lígia Marta Mackey** é engenheira civil e presidente do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Estado de São Paulo (Crea-SP)

Sobre o Crea-SP - Instalada há 90 anos, a autarquia federal é responsável pela fiscalização, controle, orientação e aprimoramento do exercício e das atividades profissionais nas áreas da Engenharia, Agronomia e Geociências. O Crea-SP está presente nos 645 municípios do Estado, conta com cerca de 350 mil profissionais registrados e 95 mil empresas registradas.



RESOLUÇÃO Nº 1.139, DE 24 DE AGOSTO DE 2023

Altera os artigos 2º e 3º da Resolução nº 1.050, de 15 de dezembro de 2015, e dá outras providências.

Art. 1º Alterar o caput e incluir o parágrafo 3º no art. 2º da Resolução nº 1.050, de 13 de dezembro de 2013, publicada no Diário Oficial de União, de 19 de dezembro de 2013 – Seção 1, pág. 382, que passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 2º A regularização da obra ou serviço concluído, em prazo máximo de 5 (cinco) anos anteriores ao pedido, deve ser requerida no Crea em cuja circunscrição foi desenvolvida a atividade pelo profissional que executou a obra ou prestou o serviço, instruída com cópia dos seguintes documentos. (NR)

(...)

§ 3º Não serão aceitos pedidos para regularização de obras ou serviços concluídos em data anterior a 5 (cinco) anos do protocolo do pedido de regularização". (NR)

Art. 2º Alterar o Parágrafo único do art. 3º da Resolução nº 1.050, de 13 de dezembro de 2013, publicada no Diário Oficial de União, de 19 de dezembro de 2013 – Seção 1, pág. 382, que passa a vigorar com a seguinte redação:

"Parágrafo único. Compete ao Crea, quando necessário e mediante justificativa, solicitar ao requerente, em até 60 (sessenta) dias contados da data do pedido da regularização, outros documentos para averiguar as informações apresentadas, tendo o interessado até 30 (trinta) dias do recebimento desta solicitação para protocolar esta documentação." (NR)

Art. 3º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de agosto de 2023

Os profissionais das áreas técnicas têm com quem contar

A AEAARP é o lugar onde profissionais da área técnica encontram colegas de trabalho, oportunidade de aperfeiçoamento, acesso convênios exclusivos e tem visibilidade.



Contratar
PROFISSIONAIS
habilitados é a
forma mais
SEGURA de
construir e
plantar o futuro.

POSSE DO CONSELHO

POSSE DO CONSELHO



Arlindo Sicchieri Filho, Gilberto Marques Soares, Neusi Lima, Nelson Martins da Costa, João Paulo Figueiredo, Ricardo De Biasi



Maria Mercedes
Furegatto Pedreira
de Freitas

Seis pessoas tiveram o mandato renovado para o Conselho Deliberativo da AEAARP. Na cerimônia, o engenheiro agrônomo Callil João Filho foi homenageado – ele faleceu em 2024 e seu mandato no conselho termina neste mês de abril. Na festa, a homenagem foi à AEAARP, que completa 76 anos neste 2024.



Jairo Júnior, Maria Mercedes Furegatto Pedreira de Freitas, Catherine D.Andrea e Roberto Maestrello



Fernando Dolácio, Cristina Heck e Maria Mercedes Furegatto Pedreira de Freitas



Bruno Prota, Gabriela Forras, Benedito e Ana Gléria



Jorge Rosa, Roberto Maestrello e Wilson Luiz Laguna



João Paulo e Vera Figueiredo, Cláudia Marincek e Giulio Prado



Carlos Alberto Pedreira de Freitas, Maria Mercedes Furegatto Pedreira de Freitas, Sônia Montans, Fábio e Marília Vendrusculo



Nelson Martins da Costa e Luiz Bagatin



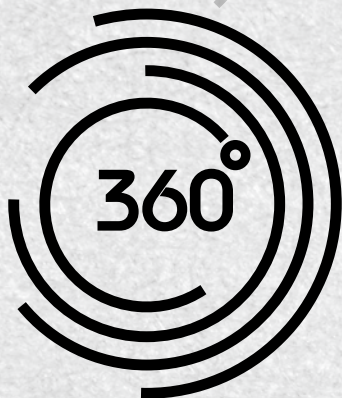
Roberta Fukuta e Gustavo Carvalho



Ricardo De Biasi, Arlindo Sicchieri, Darrel Sicchieri e Catherine D'Andrea



Argemiro Gonçalves, Neusi Lima, Hideo Kumassaka, Otto Terra, Lúcia Silveira, Sílvia Camargo e Mirela Lanzaolo de Paula



O engenheiro civil Fernando Junqueira, presidente da AEAARP, se reuniu com conselheiros recém-empossados.



Parcerias

Na rodada do bimestre, a AEAARP firmou parcerias com a Faculdade Anhanguera e o IPOG.

Civilidade nas Ruas

As cadeiras de rodas conquistadas com os parceiros da campanha da AEAARP foram entregues no café da manhã realizado para lançar os vídeos da série sustentabilidade produzidos pela entidade.



Lembre-se: embalagens vazias de comprimidos são recicláveis, deixe as suas na sede da Associação.





Saфра

O engenheiro Fernando Junqueira, presidente da AEAARP, participou do evento de abertura de safra da DATAAGRO.

Regularização fundiária

A Secretaria de Planejamento de Ribeirão Preto realizou, em parceria com a AEAARP, 2º Simpósio de Regularização Fundiária Urbana.



Déficit habitacional

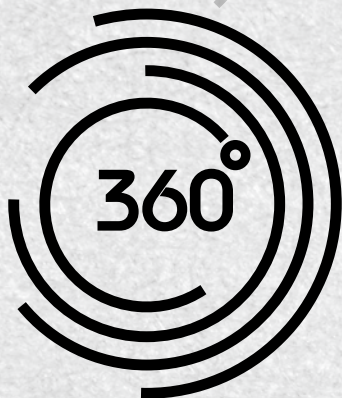
O SindusCon-SP reuniu autoridades de prefeituras das cidades da região para expor a oportunidade de investirem em projetos habitacionais por meio do programa Minha Casa Minha Vida e Casa Paulista.



Meio ambiente

A engenheira Fabíola Narciso, diretora do AEAARP Mulher, participou da 2ª Reunião Ordinária de 2024 da Comissão Interinstitucional Municipal de Educação Ambiental.





Mulher



Maria Mercedes Furegato Pedreira de Freitas, Fabíola Narciso e Regina Foresti com o Coral Som Geométrico no Happy Hour da AEAARP que marcou o mês da mulher.

O engenheiro Fernando Junqueira, presidente da AEAARP, participou das reuniões da Frente Nacional de Prefeitos em Ribeirão Preto, onde se encontrou com os prefeitos Antônio Duarte Nogueira Júnior (Ribeirão Preto) e Ricardo Nunes (São Paulo).



Saúde

No dia 1 da Campanha de Vacinação 2024 da AEAARP, 340 vacinas foram aplicadas no sistema de drive-thru. Até o último dia do mês de abril, associados e beneficiários do convênio da Unimed poderiam obter os benefícios dessa ação na clínica Santa Clara. A campanha acontece todos os anos.

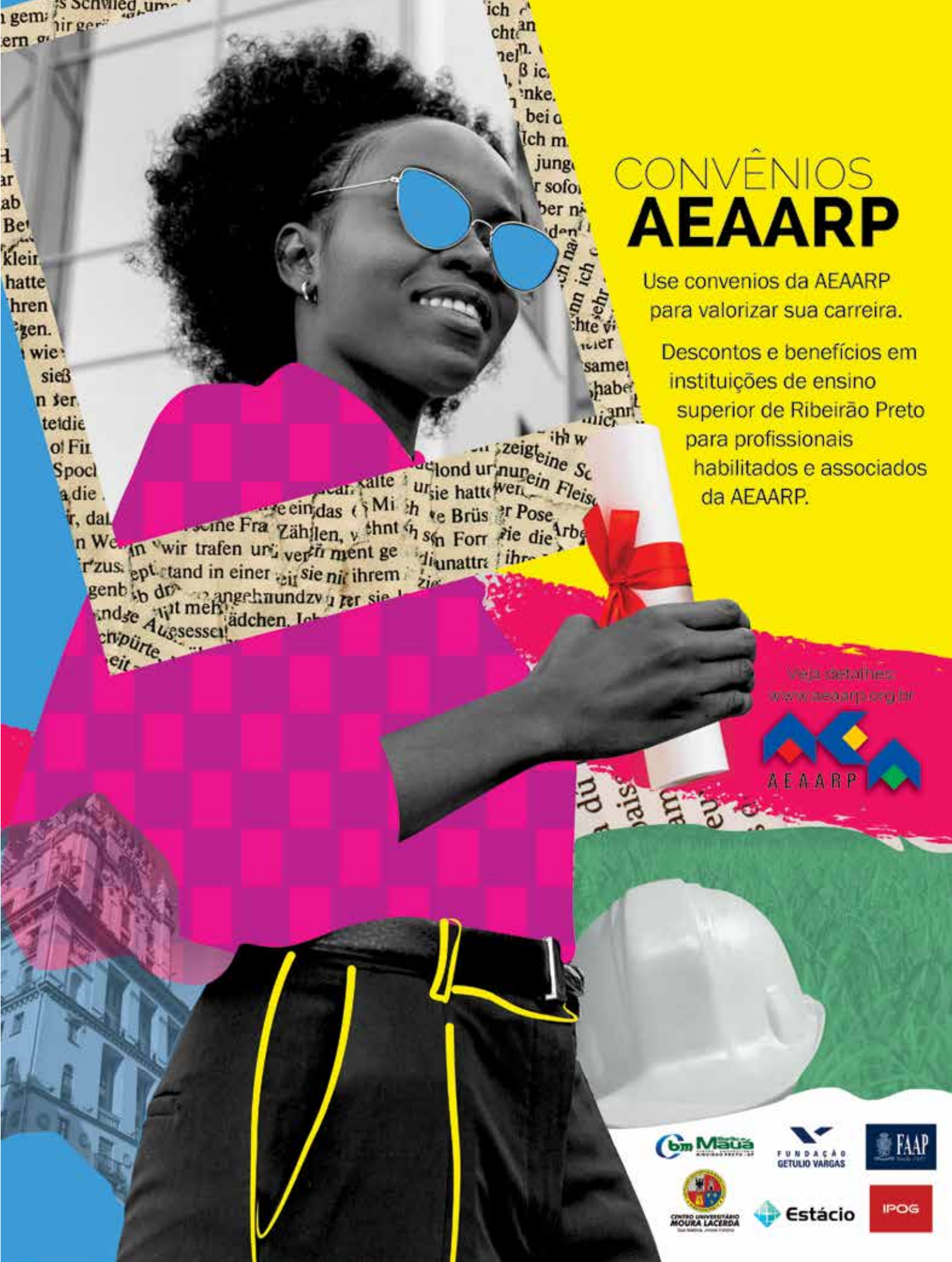


Tour

Comitiva da AEAARP na Feicon, a mais completa feira do setor de construção civil e arquitetura da América Latina.



Na Expo Revestir, o grupo da AEAARP se encontrou com profissionais de vendas, construtoras, arquitetura e design de interiores.



CONVÊNIOS AEAARP

Use convênios da AEAARP
para valorizar sua carreira.

Descontos e benefícios em
instituições de ensino
superior de Ribeirão Preto
para profissionais
habilitados e associados
da AEAARP.

Veja detalhes em
www.aearp.org.br



Que comecem os trabalhos

Associação dá posse ao novo colegiado do Fórum Permanente de Debates, que muda de nome e volta robusto

A AEAARP acaba de relançar o seu Fórum Permanente de Debates, organismo consultivo criado em 2006 com o intuito de concentrar os debates acerca de temas relevantes para a cidade. Os temas são, invariavelmente, correlatos às profissões habilitadas pelo Sistema CONFEA-CREA e CAU.

"Nós valorizamos a nossa atividade profissional quando mostramos para as pessoas que problemas urbanísticos, de infraestrutura, obras, saneamento e meio ambiente, por exemplo, têm solução quando profissionais do nosso setor se dedicam a debater e buscar saídas", fala o engenheiro Carlos Alencastre.

Carlos, que já presidiu a AEAARP, foi secretário de infraestrutura na Prefeitura de Ribeirão Preto e diretor do DAEE-Departamento de Águas e Energia Elétrica, vai liderar essa nova fase de debates na Associação.

O nome é a mudança mais marcante nesta nova fase. A partir deste ano, essa organização passa a se chamar Fórum Permanente de Debates Região Metropolitana de Ribeirão Preto do Futuro. "Nossa cidade é sede de uma região muito importante e rica; o que acontece aqui reverbera na vida de mais de um milhão de pessoas que vivem nas 34 cidades que hoje oficialmente compõem a Região Metropolitana. É nossa obrigação olhar também para essa questão", detalha o engenheiro Fernando Junqueira, presidente da AEAARP.

História

Em 2006, quando o fórum permanente foi criado, a pauta inicial foram as sugestões de emendas à revisão do Plano Diretor, que estava em andamento naquela época. O engenheiro Wilson Laguna capitaneou esse trabalho, com importantes contribuições à lei municipal.

Nos anos seguintes, outros associados se envolveram em debates no fórum, que, então, tinha foco exclusivo em Ribeirão Preto.

Agenda

Segundo Carlos Alencastre, o grupo do colegiado do Fórum definirá a agenda de pautas e encontros.

Participam do colegiado do Fórum os engenheiros Fernando Antonio Cauchick Carlucci, Luis Carlos Oranges Junior, Odalécio

Costa Martins, a engenheira Marília Vendrusculo, as arquitetas e urbanistas Cristina Heck e Sílvia Camargo, o geólogo Marcos Massoli, os engenheiros agrônomos José Walter Figueiredo, Tiago Daniel Ferezin e a gestora ambiental Angela Dorta Soares.



A segurança de sua obra começa pela **BASE**



- Estacas moldadas "in loco":
 - tipo raiz em solo e rocha.
 - escavadas com perfuratriz hidráulica.
 - escavadas de grande diâmetro (estacões).
 - hélice contínua monitoradas.
- Estacas pré-moldadas de concreto.
- Estacas metálicas (perfis e trilhos).
- Tubulões escavados à céu aberto.



Mais de 100 pessoas se inscreveram para os seminários do Programa Ribeirão Floresta. Os encontros acontecem aos sábados e a programação completa está a partir da página 27 desta edição da PaineL. É possível participar dos módulos de forma independente.



VEJA NO PORTAL **AEAARP**

- Notícias ✓
- Eventos ✓
- Guias ✓
- Convênios ✓
- Painelcast ✓
- Revista Painel ✓

Contrate profissionais de
engenharia, arquitetura e
agronomia nos seus projetos



R. João Penteado, 2237
Ribeirão Preto - SP